



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO  
ÁREA: JORNALISMO ESPORTIVO

# **A RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA E O FUTEBOL NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL**

Thiago Rizério Sanches Lima  
RA: 2031415/1

Brasília, novembro de 2006

Thiago Rizério Sanches Lima

# **A RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA E O FUTEBOL NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL**

Trabalho ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Orientador: Prof. Severino Francisco

Brasília, novembro de 2006

Thiago Rizério Sanches Lima

# **A RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA E O FUTEBOL NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL**

Trabalho ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

## **Banca Examinadora**

---

Prof. Severino Francisco  
Orientador

---

Prof. Sérgio Euclídes de Souza  
Examinador

---

Prof. Marcelo Moura  
Examinador

Brasília, novembro de 2006

## **RESUMO**

A monografia aborda inicialmente o surgimento do futebol no Brasil. No princípio era um esporte excludente, no qual apenas a alta sociedade podia praticá-lo. A popularização abriu os olhos da imprensa, que destinou espaços maiores nas páginas para o futebol, passando de divulgação de jogos e resultados para matérias de meia página. O objetivo do trabalho é fazer a relação entre o processo de identificação do brasileiro com o futebol, caracterizando o caráter de identidade nacional.

### **Palavras-chave:**

Futebol, identidade nacional, imprensa esportiva, negro no futebol brasileiro.

## INTRODUÇÃO

O futebol, desde o seu surgimento, já podia ser caracterizado como um esporte de mobilização massiva. No Brasil, nos primeiros momentos, era um esporte praticado apenas pelas elites da sociedade. As classes mais baixas tinham que se contentar com as gerais, geralmente localizada na outra lateral do campo, longe das arquibancadas e da torcida composta pelas classes mais elevadas da sociedade.

O aumento da popularidade do esporte foi modificando o original inglês e se transformando em uma das maiores paixões brasileiras. A entrada do negro e o surgimento dos profissionais da bola deixaram o futebol mais democrático, seletivo e competitivo. Tal situação, somada com o espaço que a imprensa passou a conceder, popularizou ainda mais o esporte, iniciando então o processo de identificação nacional do Brasil com o futebol.

Através de uma análise de jogos de futebol da seleção brasileira é possível perceber que se trata de uma das raras oportunidades para a sociedade brasileira organizar-se coletivamente em torno de um objetivo comum, como se cada partida fosse um compromisso cívico. Podemos observar o fato na escolha dos treinadores. Eles são comparados a governantes, ou seja, tem que ser o melhor para representar o Brasil, e elevar o orgulho nacional da população.

O processo de identificação do Brasil com o futebol não podia, de nenhuma maneira, passar despercebido da imprensa. Dessa maneira, grandes nomes como Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego aparecem como importantes personagens da ascensão do futebol na sociedade. Com textos que beiravam o fanatismo, a imprensa foi se especializando, desenvolvendo uma linguagem própria para cativar ainda mais amantes do esporte criado na Inglaterra.

Desde a entrada dos negros e mulatos no futebol, passando pelo aumento do interesse da imprensa, até as conquistas e decepções nos mundiais, a identidade do Brasil como o país do futebol teve seus altos e baixos.

Através da leitura de autores que presenciaram a ascensão do futebol, estudiosos que analisam o futebol como um fator de identificação nacional e análise de

artigos de jornalistas especializados no assunto, me proponho a fazer uma releitura desse processo de identificação no Brasil, que, ao longo do tempo, formalizou a existência do estilo brasileiro no futebol.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>1. A ASCENSÃO DO NEGRO NO FUTEBOL .....</b>	<b>8</b>
1.1. Das gerais aos campos.....	8
1.2. Profissionalismo .....	10
1.3. Futebol e samba.....	12
<b>2. A PAIXÃO E A IMPRENSA.....</b>	<b>15</b>
2.1. Futebol e imprensa crescendo juntos.....	15
2.2. Brasil: o país do futebol? .....	17
2.3. Os irmãos Mário e Nelson .....	20
<b>3. COPA DO MUNDO DE 2006 .....</b>	<b>24</b>
3.1. Reflexos do passado .....	24
3.2. Blog do Juca .....	26
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>

# 1. A ASCENSÃO DO NEGRO NO FUTEBOL

## 1.1. Das gerais aos campos

O futebol tornou-se hoje uma febre mundial, capaz de parar (ou mover) multidões. Quando este esporte foi introduzido no Brasil, poucos acreditavam que vingaria em terras brasileiras. Segundo Graciliano Ramos, modas estrangeiras não faziam e nem fariam sucesso por aqui. Ele não era o único que acreditava nisso, tanto que, segundo Mario Filho, os times foram surgindo dentro de clubes de remo e o futebol não era visto como um esporte popular, já que nem todos podiam praticá-lo.

As partidas de futebol, ainda com baixa popularidade no país na década de 20, eram realizadas em horários que não coincidissem com as regatas de remo, esporte que tinha a preferência dos brasileiros no começo do século XX. Na época, uma partida marcada na hora de uma regata resultava em arquibancadas vazias no campo e enseadas lotadas.

No princípio, apenas ingleses jogavam o futebol. Quando não eram ingleses eram filhos de famílias da alta sociedade branca brasileira. Operários, negros e mulatos não podiam praticar o esporte trazido da Inglaterra. A objetividade européia não dava espaço para a ginga brasileira, o balanço do mulato, a astúcia e malandragem do negro.

A ascensão dos negros e mulatos na sociedade e, conseqüentemente, no esporte está diretamente ligada ao crescimento da popularidade do futebol no Brasil. Mario Filho, em sua narrativa sobre o destaque do Vasco em 1923, descreve precisamente a importância dos mulatos e negros nos campeonatos de futebol:

Os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e negros era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-

rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. (Rodrigues Filho, 2003)

A democratização da prática do futebol, com a entrada de negros e mulatos, por mais que muitos fossem contra, permitiu que esse esporte ocupasse a posição central na construção da identidade nacional.

Para o sociólogo Gilberto Freyre, a ascensão do negro no futebol brasileiro propiciou, além da construção da identidade nacional, que os elementos irracionais da formação social e cultural do brasileiro fossem sublimados. A intolerância dando lugar à paixão. O negro se destacava em grandes clubes e os fiéis torcedores iam esquecendo que ele era negro. Nas palavras de Mário Filho, “os pretos procuravam, à medida que ascendiam no futebol, ser menos pretos”.

O esporte é britânico, mas o caráter brasileiro começou a ser construído assim como a literatura de Machado de Assis ascendeu, segundo Freyre. A molecagem baiana, a capoeiragem pernambucana ou a malandragem carioca invadiam os campos com os mulatos. Tais fatores distanciaram o bem ordenado original britânico da dança cheia de surpresas que o futebol brasileiro estava se tornando.

Com toda a ginga brasileira, do negro e do mulato, era natural que enquanto o futebol crescia no Brasil o negro e seus descendentes também se engrandeciam. Saíam então das gerais para entrar no campo.

Ao mesmo tempo em que se identificavam com o esporte, os brasileiros se identificavam com os jogadores. Cobravam dos boleiros as melhores virtudes de um homem. Em derrotas, como a Copa do Mundo de 1950, os culpados rapidamente eram encontrados. Negros em sua maioria.

No trágico ano de 1950 milhões de torcedores encontraram os causadores da derrota brasileira, em pleno Maracanã, para os uruguaios: Barbosa, Juvenal e Bigode. Os três negros da seleção brasileira. Certamente, se o Brasil se tornasse campeão do mundo naquela data, o ídolo do time, herói da conquista, seria um negro. Assim como foi com Pelé, Leônidas e Garrincha.

O caminho ascendente dos “pretos” começou anos antes, quando o futebol estava se encaminhando para o profissionalismo e os times se enchendo cada vez

mais de negros e mulatos. Os jogadores, independente da cor, eram funcionários do clube, recebiam para jogar.

A paixão pelo esporte fazia até a torcida do time mais branco do Rio de Janeiro, o Fluminense, torcer pelos negros e mulatos.

Naturalmente, entre o preto e o branco, o Fluminense tinha de preferir o branco. Se fosse possível um time só de brancos, melhor. E talvez fosse possível. Não faltava bom jogador branco. Se não fosse possível um time só de branco, botava-se um preto, dois, nada de abusar. Afinal de contas o Fluminense era o Fluminense, era o Fluminense. (...) Era duro imaginar aquelas moças finas, tão elegantes, tão bonitas torcendo por um preto. E se o Fluminense botasse um preto no time elas não teriam outro remédio senão torcer, gritar pelo nome de um preto. (Rodrigues Filho, 2003)

Os clubes continuavam a fazer de tudo para deixar o máximo possível de jogadores brancos possível nos times principais. Até mesmo a CBD, antecessora da CBF, preferia que um branco jogasse. Mas o futebol de Leônidas da Silva e a atuação dele e de outro negro, o Domingos, na Copa Rio Branco de 1932, colocaram o negro como símbolo novamente no esporte mais popular no Brasil.

## **1.2. Profissionalismo**

Outro fator que contribuiu para a paixão brasileira pelo futebol foi o profissionalismo. No princípio alguns não gostavam e não queriam assinar contrato. Viver como um profissional do futebol não era bem aceito pela sociedade. Mas para o torcedor a preferência era para o jogador profissional, que admitia o esporte como um ofício e levava a atividade a sério.

Assim como Heloísa Turini Bruhns escreveu, o período de transição entre o amadorismo e o profissionalismo teve um princípio de caça aos melhores jogadores, independente da origem social ou étnica. O que importava, a partir deste momento, era a qualidade do jogador, o que ele podia fazer com a bola e pela torcida.

Para o branco, de classe alta, assinar contrato significava praticamente largar os estudos ou o emprego formal. Muitos deles não assinaram contrato, era a vez do negro

ganhar dinheiro, fama e também imprimir a ginga brasileira ao esporte duro dos ingleses.

O amadorismo foi ficando para as partidas preliminares. Os melhores brancos jogando com arquibancadas ainda se enchendo. Se enchendo de torcedores impacientes querendo que o jogo preliminar acabasse logo, para então entrar em campo os mulatos e negros profissionais. A década de 30 se tornou o marco de divisão de profissionais e amadores.

Até a imprensa mudou a cobertura esportiva embalada pelo aumento do fanatismo. Fanatismo pelos profissionais. Nas páginas de esporte os melhores jogadores brancos sumiam e davam espaço para os mulatos profissionais. Mais uma vez Mario Filho demonstra a situação do futebol e do negro no Brasil:

Bastava abrir um jornal. Na página de esportes, ou melhor, nas páginas de esportes, porque uma página só não chegava, não apareciam mais clichês do 'arqueiro das mãos de seda' e sim do 'Tatibitate', desajeitado, os braços de macaco, as mãos penduradas abaixo do joelho. Culpa de quem? Do 'arqueiro das mãos de seda', de outros (brancos) iguais a ele. Os melhores jogadores brancos jogando nas preliminares, os mulatos, os pretos aproveitando, ganhando fama e dinheiro. (Rodrigues Filho, 2003)

Da mesma maneira que recebia o apoio da imprensa escrita popular, o rádio contemplou a chegada do profissionalismo no futebol. As primeiras transmissões radiofônicas começaram em 1938, aumentando ainda mais a popularidade do futebol no Brasil. Segundo Bruhns, no fim da Segunda Guerra Mundial o esporte já tinha se tornado uma indústria no país.

Os mulatos não brilhavam apenas no Brasil. No Uruguai, na Argentina e na Europa os profissionais brasileiros impressionavam a imprensa internacional.

Aqui no Brasil, os clubes investiam em contratos caros. Queriam títulos, fama. Quanto mais o clube gastava melhor era para ele, e para os torcedores. Os clubes que ignoravam se o jogador era preto, mulato ou branco conquistava a torcida. O torcedor se identificava com o time e dava força, gritava, torcia. Não demorou muito e os clubes foram notando que a aproximação com o público era o diferencial do futebol.

Ao contrário do que ocorria durante a condição de amador, na fase profissional a maioria dos jogadores, cerca de 75%, de acordo com Bruhns, eram da classe baixa. A

classe alta não queria, ou não podia competir com essa camada, pois estudava ou tinha empregos melhores.

A transição marcou o ingresso definitivo da classe baixa no futebol. Os negros e mulatos puderam então entrar nos campos para começar a construir um caráter nacional, um estilo brasileiro.

Como pôde ser visto no discurso de Mario Filho e Heloísa Turini Bruhns, tornar o esporte uma prática profissional elevou a moral e o valor do negro e do mulato, além da classe baixa, na sociedade brasileira. A mudança do atleta amador para o atleta profissional alçou o futebol como meio de ascensão social. Tal fato condicionou o futebol como uma característica do brasileiro, um caráter nacional que ligava a imagem do brasileiro (geralmente a imagem de um mulato ou negro, como Leônidas da Silva) ao esporte criado na Europa.

### **1.3. Futebol e samba**

Assim como o samba, o futebol elevou a cultura e o molejo do negro e do mulato. O brasileiro gostava do futebol, mas gostava também do samba. Não do samba sambado, mas do samba jogado no campo.

O futebol agrada o Brasil enquanto é sambado. Leônidas, o inventor da “bicicleta”, é um bom exemplo, enquanto gingava o corpo encantava a multidão. Alguns outros gingavam, mas não com o movimento insinuante de Leônidas. O samba não ficava apenas no campo, a torcida lotava o estádio com tambores, cuícas e pandeiros, enchendo as arquibancadas com sons do ritmo de origem africana.

A ginga agradava, e o futebol presenciou os criadores imitando os brasileiros. “Ingleses brancos que, vestindo-se de jogador de futebol, tratavam, mais que depressa, de se abrasilizar”, diz Mario Filho. Era disso que o torcedor gostava, de um malabarismo, uma graça, um chute de letra ou um drible mais ousado. Hoje o cenário ainda é o mesmo, não basta ganhar, tem que ganhar jogando bonito.

Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas sobre a Copa do Mundo de 1970 (jogo do Brasil contra a Inglaterra), ilustra com fidelidade o que o brasileiro torcedor espera do futebol, e mostra também o que o jogador quer dentro do campo:

Bem que a pobre da Inglaterra tentou o diabo para que o Brasil não jogasse. Mas vocês se lembram do nosso gol? Vejam quantos jogaram. Primeiro Paulo César passou a Tostão. E Tostão jogar em cima dos ingleses. Em vez de passar de primeira, deu-se ao luxo voluptuoso de driblar um inimigo; mas era pouco para sua fome, e driblou outro inimigo. Podia passar. Mas Tostão preferiu enfiar a bola por entre as pernas do terceiro inimigo. Adiante estava Pelé. E o estilista estende a Pelé. Cercado de ingleses por todos os lados, o semidivino crioulo toca para Jairzinho. Este podia ter atirado de primeira. Não: - achou que devia driblar mais outro inglês. E só então sua bomba foi explodir no fundo das redes. (Rodrigues, 1993, p. 189)

Quando Tostão pegou a bola e driblou os três ingleses, toda uma nação assistiu à habilidade desconcertante de um brasileiro, quase uma dança, um samba. O samba que colocou, com apenas três jogadores brasileiros, os ingleses na roda. A mestiçagem brasileira derrubou a pureza branca inglesa. Ali estava mais uma cena da formação de um caráter nacional: a ginga brasileira cercada pela objetividade britânica.

Alguns autores, como José Miguel Wisnik, consideram que a originalidade brasileira no futebol está ligada à cultura mestiça. Diferentemente de Mario Filho, Wisnik acredita que, assim como a música popular urbana no Brasil se formou com a presença do mestiço, o futebol foi apropriado no Brasil pelo mulato, que não estava incluído nas elites da sociedade brasileira do início do século 20, mas também não se encaixavam no perfil de negro ex-escravo do período.

Portanto, o mestiço (e não só o mestiço) foi introduzindo a coreografia do samba, da música popular urbana, no esporte importado da Europa. Tal mistura teria proporcionado a criação do que chamamos hoje de estilo brasileiro de jogar futebol.

Roberto DaMatta vai além, segundo ele, o jogador brasileiro, assim como um sambista, tem “jogo de cintura”. Sabe se movimentar na direção certa, seja na dança ou no jogo. Utiliza a malícia e molejo inexistente no futebol europeu, fundado na força e preparo físico, para passar pelos obstáculos.

A malandragem do samba, de acordo com DaMatta, caracteriza-se em utilizar o movimento do corpo para deixar a força adversa passar. E não a malandragem descrita por Graciliano Ramos, que alegou que o verdadeiro esporte nacional seria a rasteira, e

sim a habilidade característica que os jogadores brasileiros (principalmente negros e mulatos) adicionaram ao jogo duro dos ingleses.

A identidade nacional do brasileiro, portanto, pode ser anunciada como a mistura do esporte inglês com a ginga dos negros. Uma verdadeira mestiçagem entre raças e gêneros completamente diferentes. A união do branco com o negro, do futebol com o ritmo. O mestiço (assim como Friedenreich, filho de alemão com uma negra brasileira) que une o esporte à cultura popular, colaborando na formação do estilo brasileiro: o futebol-arte.

As palavras de Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, citando Gilberto Freyre e José Lins do Rego, podem referendar esta linha de sustentação.

Como Gilberto Freyre, José Lins do Rego aproximava o futebol brasileiro à dança, ao samba, ritmo musical mais comumente associado à identidade nacional. Parecia esquecer completamente que o futebol viera de outras terras; mas, em sua visão, assim como o samba podia ser considerado brasileiro apesar de suas raízes africanas, também o futebol seria expressão da *novidade* brasileira, resultado de um rico amálgama cultural. Zé Lins Orgulhava-se em ver jogadores brasileiros confundindo adversários estrangeiros em passes mágicos e carnavalescos, expressão de alegria e inovação do futebol praticado no Brasil. (Antunes, 2004, p. 64)

O futebol praticado no Brasil, segundo Freyre, havia sido reelaborado e totalmente incorporado. Comparando-se à matriz européia, este esporte ganhou mais leveza para tornar-se expressão da mestiçagem brasileira e, conseqüentemente, motivo de orgulho nacional.

Já José Lins do Rego comparou o reconhecimento do caráter nacional de mistura do futebol com o samba e a ginga do Brasil com a identificação que os espanhóis têm com as touradas. O brasileiro via no futebol com o samba e a ginga da capoeira o que o espanhol via nas touradas: o retrato psicológico de um povo. No caso brasileiro, a mestiçagem traduzindo e sintetizando a identidade nacional.

## 2. A PAIXÃO E A IMPRENSA

### 2.1. Futebol e imprensa crescendo juntos

No começo do século 20 poucos imaginavam que o futebol um dia ganharia o espaço dedicado ao remo ou ao turfe, esportes praticados pela elite da sociedade brasileira. Assim como também poucos imaginariam que a imprensa esportiva um dia cresceria.

As páginas de divulgação esportiva do começo do século passado não eram direcionadas às elites, já que o jornalismo esportivo não gozava de nenhum prestígio. Algo que ficava menor ainda por ser dirigido a um público das classes mais baixas da sociedade brasileira. Poucos eram os jornais que concediam algum espaço ao esporte em geral. Nem mesmo o remo, esporte mais popular do começo do século, ganhava espaço nas primeiras páginas dos periódicos.

O futebol era pouco conhecido nos primeiros dez anos do século 20, mas já se destacava como um esporte de massa e espaço potencial de afirmação do caráter nacional do brasileiro. A prova disso foi o jornal paulista *Fanfulla*, com suas páginas especializadas em notas de divulgação esportiva. Ainda que não fosse um periódico direcionado às classes altas, atingia os italianos da cidade de São Paulo, público cada vez maior no centro urbano.

Décadas mais tarde, embora o Brasil ainda engatinhasse no futebol, o *Fanfulla* conseguiu convocar a comunidade italiana da cidade para a formação de um clube: nasceu daí o Palestra Itália, que mais tarde, se tornaria o Palmeiras.

O *Fanfulla* é apenas um dos muitos exemplos de periódicos com algum interesse nos esportes que surgiam e desapareciam na primeira metade do século. Paulo Vinícius Coelho escreveu que o preconceito com a imprensa esportiva tinha sua razão, e por se dedicar ao público com menor poder aquisitivo, conseqüentemente se direcionava para o público com menor poder cultural; pessoas cuja prioridade não era

ler. Vinícius Coelho acredita que essa teria sido a razão para a imprensa especializada ter na história tantos cadernos de existência fugaz.

Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a *Revista dos Esportes* viveu bons anos entre o final da década de 50 e o início dos anos 60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades. (Coelho, 2004, p. 9)

É possível dizer que a imprensa alimentou a paixão do brasileiro pelo futebol. Mas dizer que o futebol alimentou o crescimento da imprensa esportiva também é uma afirmação verdadeira. Desprovido de espaço nas páginas de esporte, os jornais davam um jeito de noticiar os acontecimentos futebolísticos do país.

Mesmo depois do bicampeonato sul-americano, no fim da década de 30, quando a paixão do brasileiro pelo futebol aumentou ainda mais, os jornais não concediam muito espaço para o esporte. Apenas a partir da década de 40 os relatos apaixonados foram surgindo e ganhando destaque na imprensa.

Paulo Vinícius Coelho diz que desses tempos para os dias de hoje a única mudança foi a realidade. Não a realidade em si, mas a maneira de como ela é e foi tratada pelos profissionais da área. Segundo ele, a paixão apareceu nas páginas esportivas com os irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues. A paixão que eles colocavam nas páginas refletia a paixão do brasileiro pelo futebol.

Na década de 30, quando surgiu o *Jornal dos Sports*, fundado por Mario Filho, as crônicas esportivas jogavam mais emotividade que realidade, e nem por isso comprometia a fidelidade pelo futebol. Mesmo com a miopia de Nelson Rodrigues, que tirava-lhe a possibilidade de enxergar plenamente os lances de uma partida de futebol, os fatos eram relatados. Às vezes fiel à realidade, outras vezes fiel apenas ao entusiasmo do momento.

O que quero dizer aqui, através do exemplo do caso da miopia de Rodrigues é que, aos olhos do brasileiro, a vitória sempre era fantástica (ou pelo menos tinha que ser). Não basta hoje para um torcedor apenas ver a vitória do seu time, ele precisa, nos dias seguintes, ler e ver a imprensa recheada com os acontecimentos do jogo. A

emoção da crônica esportiva funciona como um acelerador, elevando a alegria da vitória.

Nelson Rodrigues certa vez escreveu, no prefácio do livro *O sapo de arubinha*, que o surgimento do irmão Mario Filho poderia ser a data de nascimento da crônica esportiva. Ele disse que a valorização jornalística do retorno do goleiro Marcos Mendonça era um fato patético, simples, e que uma pequena nota serviria para a ocasião. Porém, ganhou meia página do jornal, espaço que nem o melhor dos jogos havia merecido. A linguagem “viva, úmida, suada” de Mario Filho se diferenciava de qualquer outro profissional da área.

De acordo com ele, o artigo foi para a imprensa esportiva uma Semana da Arte Moderna. O marco que fundou a língua dos cronistas esportivos. Mario Filho aproximou, em meia página, o leitor do fato, e depois disso enriqueceu o vocabulário e levou (e elevou) o futebol para as primeiras páginas dos jornais.

Portanto, observando o futebol como um fator que colaborou no crescimento da imprensa esportiva é possível entender que a formação do caráter brasileiro (paixão pelo futebol) foi alimentada pela própria imprensa esportiva. Ou seja, a imprensa, percebendo que este esporte estava se tornando popular, abriu espaço para as crônicas esportivas. E estas, por sua vez, elevaram ainda mais a admiração do povo pelo futebol.

## **2.2. Brasil: o país do futebol?**

Por mais que o futebol ganhasse cada vez mais espaço na mídia, e que Mário Filho e Nelson Rodrigues estivessem revolucionando a imprensa esportiva, existia algo que colocava em dúvida a identidade do Brasil com o futebol: a Copa de 1950.

A seleção não conquistava bons resultados nos jogos-treinos que antecederam o mundial de 1950 e, segundo Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, tal fato colocava em dúvida a capacidade do brasileiro no futebol. Porém, a imprensa fazia questão de elevar a moral do país estampando a grandiosidade do Estádio Municipal, o

Maracanã, construído em tão pouco tempo para o mundial. De acordo com relatos da autora, aquele era o palco da vitória brasileira na Copa de 50.

A mídia, dias antes da abertura da Copa, fez questão de convidar a torcida para ajudar o time brasileiro. Fátima Antunes utiliza como exemplo José Lins do Rego:

(...) Zé Lins lançava um apelo à torcida para apoiar a seleção brasileira, que, segundo ele, precisava de crédito e confiança. Ele reconhecia que o desempenho da equipe em jogos-treino não agradara a torcida, mas admitia que somente da resposta favorável do torcedor dependia seu sucesso, pois sua luta seria de todos os brasileiros também. Com isso, Zé Lins tentava unir seus compatriotas em torno de uma causa comum: a conquista do título mundial. Era como se o torcedor brasileiro tivesse diante de si um compromisso cívico. (Antunes, 2004, p. 81)

O futebol era um compromisso cívico, e todo brasileiro já se sentia muito confiante com o selecionado do país. Era o time que representava uma nação, fazia elevar o caráter e firmar ainda mais a identidade brasileira.

As duas primeiras vitórias no campeonato exemplificam o clima que se vive até hoje. Lins do Rego descreveu a vitória como um “alimento moral”. Segundo ele, apenas a vitória, e nada mais, era suficiente para a euforia do torcedor.

Depois de ganhar de maneira fácil da seleção espanhola o espírito de ser o melhor do mundo reinava nas ruas do país. Mas perder a partida final para os uruguaios dentro do Maracanã deixou o brasileiro com o que Nelson Rodrigues definiu, oito anos mais tarde, como “complexo de vira-latas”.

A derrota quebrou a confiança de um país inteiro quase que por encanto. Mas observando o jogo do dia 16 de julho de 1950 é possível enxergar a união de um povo movida por um interesse comum. Como se a unidade nacional estivesse concretizada. Era como se a nação, naquele momento, fosse algo visível, que podia ser tocada. E foi tocada. Tocada pelo desânimo e a descrença no Brasil. Dias depois de elevar o caráter nacional a imprensa alegava que, infelizmente, o brasileiro não estava pronto para grandes conquistas.

A dúvida da capacidade brasileira no esporte seguiu o país por oito anos. Durante esse tempo o time brasileiro venceu o pan-americano passando pelo selecionado uruguaio. Um jogo que podia servir como revanche, mas não serviu. Para o torcedor a identidade nacional havia sido desfigurada em 1950.

O reflexo da derrota em território brasileiro ofuscava o caráter nacional. A descrença crescia a cada torneio. Em uma crônica publicada antes da Copa de 1958, Nelson Rodrigues descreve o espírito do povo brasileiro como algo que fica entre o “pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética”.

A formação da identidade nacional ficou abalada com aquela derrota. Não abalou apenas os torcedores, mas também os jogadores. O Brasil, para se afirmar o país do futebol, um local onde o esporte inglês havia se aprimorado com a ginga da capoeira e o balanço do samba, deveria mostrar que a derrota de 1950 fora um acidente trivial do futebol.

Outro fator que, também elevado pela derrota para os uruguaios, que colocou em dúvida a capacidade dos brasileiros no futebol foi o excesso de humildade. Os jogadores, mesmo dotados de grande habilidade, se sentiam inferiores ao enfrentarem times considerados fortes. Humildade que foi vista por Nelson Rodrigues como a de um vira-latas:

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica verdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (Rodrigues, 1993, p. 52)

Com toda a humildade brasileira, que se unia à decepção de 1950, todo brasileiro se questionou se o estilo brasileiro realmente existia. O próprio Nelson Rodrigues respondeu, nessa mesma crônica, em 1958. Para ele, o problema do selecionado brasileiro não era falta de técnica e muito menos um problema tático: era um problema de fé. O time precisava acreditar que tinha futebol pra vencer qualquer time do mundo.

O questionamento sempre existiu e sempre vai existir. Como José Lins do Rego descreveu, a vitória serve como um alimento moral. Então enquanto a seleção brasileira vencer, ou simplesmente tiver um time invejado por qualquer cidadão do mundo, a identidade do Brasil como “país do futebol” vai existir.

### 2.3. Os irmãos Mário e Nelson

Mário Rodrigues, advogado que migrou para o jornalismo para cobrir política, nunca imaginou que dois de seus filhos – Mário e Nelson – seriam tão importantes no desenvolvimento da imprensa esportiva e, conseqüentemente, na identificação do povo brasileiro com o futebol.

Aos 18 anos, Mário Rodrigues Filho começou a trabalhar no jornal do pai. Porém, Mário Rodrigues, o pai, foi contrariado, já que queria o filho na cobertura da Câmara dos Deputados e o viu dirigir a página literária. Dois anos depois Mário Filho assumiu a página de esportes, considerada a menos importante do jornal.

Para o irmão Nelson, que escreveu muitos anos depois o prefácio do livro *O Sapo de Arubinha*, a chegada de Mário Filho na página dos esportes pode servir como data de nascimento da imprensa esportiva. Assim como Rodrigues, a autora Fátima Antunes também eleva a capacidade de Mário Filho e sua importância no desenvolvimento do jornalismo esportivo.

A transformação teria começado com uma entrevista que Mário Filho fizera com Marcos de Mendonça, goleiro do Fluminense, em que anunciava sua volta ao futebol. Mais do que a notícia em si, provocou impacto e tratamento jornalístico dado a ela e o *novo idioma* em que fora escrita, sepultando todo e qualquer formalismo de expressão. (...) Mario Filho transformou a notícia em fato esportivo, acrescentando-lhe dramatismo, aproximando o torcedor do jogador e da vida do clube e favorecendo, assim, os processos de identificação. (Antunes, 2004, p.124)

A entrevista à qual a autora se refere é a mesma que Nelson Rodrigues classificou como a “Semana da Arte Moderna” do jornalismo esportivo. De acordo com ela, a linguagem utilizada por Mário Filho aos poucos foi sendo apropriada por toda a imprensa. Essa mudança foi acompanhando a popularização do futebol e o aumento do interesse do brasileiro em ler as notícias sobre o esporte.

As crônicas de Mário Filho refletiam a emoção de uma pessoa que estava sempre presente nas partidas de futebol. Tal situação interessava ao leitor. Como torcedor apaixonado, o leitor queria (e ainda quer) estar nos bastidores do futebol. Saber por que ganhou, por que perdeu, o que fez um jogador perder um gol e qualquer

outro detalhe que ele não viu enquanto espectador da arquibancada, mas que Mário Filho tinha visto e escrito em nas páginas dos jornais.

Falar que apenas Mário Filho foi importante na criação da identificação do brasileiro com o futebol é injustiça. Mas, com base nas palavras dele mesmo e de Fátima Antunes, é possível ver o quanto ele foi relevante para o crescimento do futebol no Brasil, elevando, não só a imprensa, e nem a paixão, mas também o negro e o mulato, as camadas baixas da sociedade. Através das palavras de Mário Filho, a habilidade de jogadores como Leônidas da Silva foi reconhecida (levando em consideração que negros e mulatos como Leônidas eram menosprezados pela torcida).

Mais uma vez utilizo as palavras da autora Fátima Antunes para demarcar a relevância deste escritor no processo de crescimento do futebol e da imprensa:

Mário Filho (...) assumira a página de esportes e dava continuidade às inovações que começara a pôr em prática em *A Manhã*: fotos mostravam jogadores em ação durante as partidas e não mais perfilados e engravatados como costumavam aparecer até então. As manchetes atraíam a curiosidade do leitor. O futebol, ainda amador, aumentou as vendas dos jornais e sobrepujou o interesse por outros esportes. (Antunes, 2004, p.126)

Antes mesmo da década de 30, na qual o selecionado brasileiro começou a mostrar sua capacidade em torneios internacionais, o futebol já era o principal esporte brasileiro. Esporte pelo qual se interessava o leitor. Claro que o país não havia passado ainda pela crise de identidade, acentuada com a derrota na Copa de 1950 para os uruguaios em território brasileiro.

O que aproximou os irmãos em suas trajetórias na crônica esportiva foi a crítica ao caráter brasileiro que os dois fizeram nos meses que antecederam a Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Mário Filho, na busca pelos defeitos do torcedor brasileiro, encontrou a mania presente até hoje nos campos de futebol: o desprezo pelo adversário.

O brasileiro não se contentava, e ainda não se contenta, em apenas vencer o oponente, ele tem que vaiar e humilhar a torcida e os jogadores do outro time. Tal costume foi identificado por Mário Filho como um traço característico da nacionalidade.

Já Nelson Rodrigues escreveu que o torcedor tem incrível poder dentro de um estádio. Não é ele que faz o gol ou defende uma bola difícil, mas é ele que dá palpite (algumas vezes errado) e eleva ou desmerece uma vitória de um time.

O fanatismo pela vitória e pela humilhação é uma herança antiga dos brasileiros. Nelson Rodrigues, assim como o irmão, escreveu que o torcedor tem como primeira reação após um jogo o anseio da humilhação. Em uma crônica publicada antes do Mundial de 58, quando a seleção brasileira ganhou do Paraguai por cinco gols a um, o autor alegou, utilizando as palavras de um amigo, que o torcedor, quando sentia a necessidade de humilhar o time brasileiro, era um “quadrúpede de 28 patas”. Isso porque a seleção brasileira representa cada um de nós, desde os defeitos até as qualidades, e negar o time alegando que o brasileiro não nasceu para grandes vitórias seria como negar a si mesmo.

O trecho a seguir foi retirado do texto de Nelson Rodrigues publicado logo após os dois jogos contra o Paraguai. Ele mostra como Rodrigues enxergou a paixão do brasileiro nas vésperas do Mundial:

Escrevi (...) que o torcedor não é um desarmado e provo. De fato, ele possui uma arma irresistível: o palpite errado. Empunhando o palpite, dá cutiladas medonhas. Vejam o primeiro jogo com os paraguaios. Vencemos de cinco e podia ter sido de dez. Fizemos do adversário de gato e sapato. Ora, para uma primeira apresentação foi magnífico ou, mesmo, sublime. Mas quando saí do Maracanã, após o jogo, vejo, por toda parte, brasileiros amargos e deprimidos. Mais adiante, esbarro num amigo lúgubre. Faço espanto: ‘Mas que cara de espanto é essa?’. O amigo rosna: ‘Estou decepcionado com o escrete!’. Caio das nuvens, o que, segundo Machado de Assis, é melhor que cair de um terceiro andar. Instantaneamente, vi tudo: o meu amigo era ali, sem o saber, um símbolo pessoal e humano da torcida brasileira. Símbolo exato e definitivo. (Rodrigues, 1993, p. 49)

O símbolo que Nelson Rodrigues viu no amigo é visto até hoje. Não é difícil encontrarmos torcedores que acham que o time jogou para golear, não importando o resultado do jogo.

Tal figura do torcedor que quer ver um espetáculo, e não um jogo comum, pode ser facilmente aproximada da imagem do torcedor do começo da década de 1930. O torcedor que preferia ver Leônidas porque o “Diamante Negro” fazia malabarismos com a bola que poucos faziam, aproximando o Brasil ao máximo do futebol, colocando a marca brasileira no esporte objetivo dos ingleses.

O que pretendo ressaltar é que muitos momentos relevantes da criação da identidade nacional do brasileiro foram analisados (ou até mesmo incentivados) por esses dois escritores. Claro que muitos outros existiram, e todos colaboraram no crescimento e amadurecimento da imprensa esportiva e também no aumento do interesse do brasileiro pelo futebol. Mas, assim como houve Leônidas e Garrincha nos campos, houve Mário Filho e Nelson Rodrigues na imprensa.

Mário não teve tanto reconhecimento como o irmão Nelson. Com exceção da obra *O negro no futebol brasileiro*, os textos dele não foram tão divulgados. Porém, Rodrigues Filho, através de análises de atitudes e disposições psicológicas da alma brasileira, segundo Fátima Antunes, acreditava que estava contribuindo para a sua superação e para a construção de uma esportividade madura. Certamente as palavras dele, seja levantando a moral dos negros e mulatos (como Leônidas) ou criticando as atitudes do torcedor antes do mundial de 1950, contribuíram para o que Roberto DaMatta chamou de “formação de um estilo brasileiro”.

## **3. COPA DO MUNDO DE 2006**

### **3.1. Reflexos do passado**

A necessidade de auto-afirmação no futebol veio sendo construída ao longo do tempo. Os bons resultados nos mundiais deixaram o brasileiro cada vez mais exigente na escalação das seleções brasileiras e no desempenho dentro de campo.

Nos meses que antecederam a última Copa do Mundo, na Alemanha, o que se viu nos meios de comunicação foi o reflexo da identificação brasileira com o futebol. Assim como Roberto DaMatta escreveu uma vez, foi possível sentir a comunidade brasileira, como se a nação fosse algo concretizado, de possível visualização.

No Brasil, a população acompanhava cada passo do “quadrado mágico” (nome atribuído ao conjunto de ataque da seleção). Treinos e até mesmo dias livres eram filmados e fotografados. Tudo isso porque aquela era a seleção favoritíssima à conquista do título mundial. Não apenas por conta de Kaká, Adriano e os Ronaldos, mas também pelos outros 19 jogadores que representavam o Brasil.

Na ocasião, o coordenador técnico da seleção, Mário Jorge Lobo Zagallo, respondeu uma pergunta sobre favoritismo alegando que o Brasil sempre foi favorito por tudo que construiu durante as Copas. Para ele, o Brasil sempre será um forte candidato ao título porque nenhum outro país tem jogadores como os jogadores brasileiros. Da mesma maneira que Mário Filho escreveu que nenhum jogador era como Leônidas, Zagallo acreditou que nenhuma seleção tinha craques semelhantes aos jogadores brasileiros.

A confiança para o mundial de 2006, construída ao longo dos anos com a visualização da capacidade do brasileiro dentro de um campo de futebol, variava, assim como Nelson Rodrigues definiu antes da Copa de 58, entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Entretanto, o jornalista Juca Kfoury comparou, em um de seus artigos, o clima da Copa 2006 com o da Copa de 1982, realizada na Espanha.

Há no ar uma sensação parecida com a que eu sentia 24 anos atrás e outra muito diferente. E que tem a ver com a Varig. A parecida: em 82, tínhamos, como hoje, um punhado de atletas brilhantes. Se agora temos Juninho, Kaká, Robinho, os Ronaldos, lá contávamos com Leandro, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico. Éramos favoritos ao chegar à Espanha, como somos de novo. E perdemos porque a Itália jogou melhor no Sarriá. Como aposto que perderemos agora, se não para uma seleção que nos supere, quase certamente para as manipulações que têm caracterizado o jogo de futebol. E é aí que percebo a diferença dos dias atuais para os dos anos 80. (Kfourir, 2006)

O cenário era basicamente o descrito por Kfourir. A população brasileira (e não só brasileira) sabia que, no papel, o time brasileiro era o favorito, e que nenhuma outra seleção poderia vencer o Brasil. E toda essa histeria sobre a seleção era alimentada pela imprensa, que, segundo o jornalista, age da mesma maneira em todas as Copas do Mundo. Sobre isso, ele afirmou que:

(...) a cobertura da Copa não muda. Vamos cobrir uma festa do futebol, não uma guerra, e todos queremos que a seleção volte hexa. Nem por isso o torcer permitirá distorcer ou se juntar ao ufanismo tosco que agride a inteligência a ponto de, admito, considerar que a maior vantagem de estar na Alemanha é a de não precisar conviver com a histeria que reina aí. (Kfourir, 2006)

O que tento mostrar nesse trecho é que a identidade nacional construída até o momento, que associa o Brasil ao futebol, não é apenas um gosto do brasileiro pelo esporte em questão. Os eventos mundiais, com sua divulgação, sempre vinculam grandes conquistas futebolísticas aos brasileiros, constituindo uma espécie de marca registrada.

Tal marca, descrita por DaMatta como o “estilo brasileiro”, é para Juca Kfourir uma grife. O jornalista descreve assim se baseando nos treinos da seleção na última Copa e, principalmente, no jogo das oitavas-de-final da Copa de 1994, quando o Brasil enfrentou os Estados Unidos. Kfourir escreveu que, em 94, o estádio estava todo de amarelo, dando a impressão que a grande parte das arquibancadas era composta por brasileiros. Porém, o hino dos Estados Unidos tirou essa impressão, deixando claro que muitos ali estavam de amarelo, mas torciam pelos norte-americanos.

O acontecimento pode servir perfeitamente para ilustrar a identificação do Brasil com o futebol, mesmo para o estrangeiro. Isso porque usar a camisa da seleção brasileira, independente da nacionalidade, está para o amante do futebol assim como

usar uma peça do estilista Oscar de la Renta está para alguém que goste e entenda de moda. Ambos querem “usar” o que representa o melhor no universo correspondente.

### **3.2. Blog do Juca**

Como já disse anteriormente, a Copa 2006 dividiu as opiniões dos brasileiros. Claro que não foi uma divisão equânime, mas existiam os confiantes (maioria), que acreditavam que o time e os jogadores brasileiros era os melhores, e os apocalípticos (utilizando as palavras de Umberto Eco).

Antes da Copa o clima era o melhor possível. Praticamente o país inteiro acreditava que a vitória estava certa. As discussões no Brasil não eram sobre os pontos fortes dos adversários, e sim dos nossos pontos fracos. Só perderíamos o mundial para nós mesmos.

Alguns artigos do jornalista Juca Kfourri, publicados no blog dele, ilustram a queda do ânimo do torcedor brasileiro durante o torneio. Nos primeiros momentos apenas os jogadores do Brasil eram notícia. Praticamente não se via notícia sobre os oponentes. Em um artigo publicado uma semana antes da Copa o assunto era a qualidade do jogador Juninho:

Que Juninho tem lugar na seleção brasileira é óbvio. Ele é craque, e craque sempre tem lugar. Sim, craque, fora de série, como Tostão e Rivellino também eram em 1970 e cada um teve sua vaga, embora não se duvidasse do talento de Roberto Miranda ou de Paulo César Caju ou Edu, centroavante e pontas-esquerdas de ofício. PC, por sinal, era também mais que um especialista, outro fora de série, mas que não cabia, porque 36 anos atrás já não dava para jogar com um sexteto mágico (Gérson, Jairzinho, Tostão, Pelé, Rivellino e ele). Mas o quinteto coube. Não será fácil sacrificar Zé Roberto, jogador que sempre dá conta do recado, que se desdobra. Do mesmo modo que todos nem falam mais em quinteto mágico, apesar da mobilidade que o ataque adquire quando Robinho entra, seja no lugar de quem for, também não quero insistir com a minha tese ousada de deslocar Zé Roberto para a lateral esquerda e, assim, abrir vaga para Juninho. Até porque Roberto Carlos começa a cumprir o que prometeu, que voará na Copa. Mas como não escalar o comandante do Lyon, o responsável pelo primeiro título francês da equipe, assim como pelo penta inédito na terra de Platini, Zidane e Henry? Além de ter uma visão de jogo como poucos, ele ainda faz gols com incrível naturalidade e bate faltas melhor do que Rogério Ceni e Ronaldinho. Juninho não pode ser reserva de Kaká, porque será uma covardia. E por diversos motivos. Primeiro, porque Kaká está demais, saúde de ferro, futebol de ouro. Segundo, porque Juninho não nasceu para ficar sentado em banco, nem que seja um cravejado de diamantes, brutos

ou lapidados. E, se Parreira é mesmo, como se define, um comandante de talentos, que trate de se virar para achar a solução, pago que é para isso. Mas que ache um lugar para o pernambucano, sob o risco de cometer um crime contra o futebol, como já se fez com Paulo Roberto Falcão em 1978. Juninho e nós merecemos. (Kfourir, 2006)

O artigo foi intitulado “Lugar para Juninho”, e levava em conta não só a qualidade do jogador, mas também de outros jogadores do time, já que seria injustiça tirar algum, como também não era justo deixar Juninho fora do campo. Lendo o artigo percebemos que esse era o maior problema da seleção: o excesso de jogadores de qualidade. Ofuscados pelo fanatismo do esporte, nenhum cidadão brasileiro percebeu que poderíamos ter problemas na defesa ou, como aconteceu realmente, ter problemas com a apatia (desespero) depois de levar um gol.

Quanto mais a estréia se aproximava, maior era a histeria, ou, como o próprio Kfourir descreveu, o “ufanismo tosco que agride a inteligência”.

Porém, um dia antes do jogo inicial o discurso do jornalista Kfourir mudou. A seleção já deveria, segundo ele, se preocupar com o exagero no otimismo:

Não é por outra razão que se fala sempre em síndrome da estréia, principalmente entre latinos, mais chegados ao emocional do que ao racional. (...) Só penso que é melhor não jogar lenha na fogueira da arrogância desmedida e que esse período de treinos não permitiu que ninguém chegasse a grandes conclusões, além da constatação de que Juninho está em ótima fase e Ronaldo não, embora o primeiro seja reserva e o segundo titular... Enfim, prepare-se para sofrer. (Kfourir, 2006)

Esse trecho é exemplo do pensamento que já circulava na cabeça de alguns brasileiros. A maioria ainda via que o Brasil, como o país do futebol, venceria com facilidade qualquer seleção que enfrentasse. Para a minoria faltava o que José Lins do Rego chamou de “alimento moral”, ou seja, o time brasileiro precisava consolidar a vitória para que eles se sentissem confiantes novamente.

Toda cobertura aproximava ainda mais o torcedor do time. Talvez isso tenha mostrado ao brasileiro que os jogadores eram humanos, e não super-heróis como aqueles de uma semana antes.

A eliminação da seleção brasileira na Copa caiu como água fria em cima de toda uma nação. Neste momento, assim como em uma vitória, foi possível enxergar o conceito de nação, segundo palavras de DaMatta. Entretanto, o que uniu a população

não foi a alegria de ser brasileiro, e sim a tristeza e a vergonha de ter visto um vexame estrelado pela apatia de alguns jogadores que eram antes intocáveis.

Com Juca Kfourri não foi diferente. O jornalista comparou a eliminação ao vexame de 1966. Para ele, perdemos porque fomos para a Copa pensando apenas em conquistas individuais (como seria bom se o mesmo capitão levantasse a mesma taça duas vezes ou se um brasileiro fosse o maior artilheiro de todas as Copas). Até mesmo Roberto Carlos, elogiado pelo jornalista antes do Mundial foi duramente criticado:

Deu-se um vexame. (...) insistiu-se com Cafu, Roberto Carlos e Ronaldo, os três sem as condições ideais para uma disputa tão dura, embora a tentativa fosse compreensível com o primeiro e o último, jamais com o segundo. Não por acaso, este arrumava a meia no gol francês, mais preocupado em aparecer bem no telão do estádio ou nas fotografias. A Cafu estava reservada a honra de ser o primeiro capitão a levantar duas vezes a mesma taça, e a Ronaldo a marca, obtida, de ser o maior artilheiro da história das Copas. O time e a torcida que se danassem, como se danaram. (Kfourri, 2006)

Em resumo, na última Copa passou-se do grau máximo de confiança para o grau máximo de desprezo pelo time brasileiro.

A situação foi reversa na Copa de 1958, não só pelo resultado, mas pela situação entre imprensa e torcida. Neste ano a torcida estava histérica e a imprensa dava motivo pra isso. O torcedor via na mídia o que queria ver: um time composto por super jogadores. Já em 58 a torcida via no time um grupo de analfabetos, segundo Nelson Rodrigues, que, de tanta humildade, seriam esculachados mais uma vez, como foi em 1950.

Outro fator que diferencia a situação dos dois momentos é que, em 58, a identidade do brasileiro ainda estava sendo construída. Os torcedores estavam descrentes e a imprensa fazia o papel de “líder de torcida”, articulando e puxando torcedores para o time brasileiro. Já em 2006, a paixão era intensa, o povo já respirava futebol. Com isso, a imprensa não conseguiu conter o exagero, e também extrapolou na confiança. Como não tinha o papel de fazer apelos pedindo apoio da torcida, mostrou o que o torcedor queria ver: espetáculo.

Para concluir vou utilizar as palavras de Nelson Rodrigues no final da década de 50. Segundo ele, a vitória na Suécia nos tornou mais bonitos, e menos analfabetos. Todos liam sobre as vitórias do Brasil, até mesmo os que não sabiam. Uso também as

palavras que ilustram o que proponho sobre a relação entre o futebol e a identidade nacional:

(...) O brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro. (Rodrigues, 1993, p.61)

## CONCLUSÃO

Após os estudos e análises sobre o tema, é possível concluir que a identificação do brasileiro com o futebol foi construída ao longo do tempo em um processo complexo. Embora tenha conquistado o público rapidamente, a popularização foi mais demorada.

A popularização (e aqui me refiro à entrada das classes baixas nos clubes), assim como a divulgação, foram ocorrendo aos poucos. Hoje vemos os clubes compostos, basicamente, por jogadores que, no início do século 20, não podiam praticar o esporte (negros, mulatos e pobres).

Através da análise da imprensa durante o processo de identificação, é possível concluir que a cobertura esportiva cresceu junto com a caracterização do Brasil como país do futebol, mas que também a paixão do torcedor foi alimentada pela melhoria na qualidade, e quantidade, do material esportivo dos jornais.

Ainda observando a relação entre imprensa e o processo de identificação nacional, chego à conclusão, assim como Mario Filho, que o brasileiro não separa festa e futebol. Para chegar a esse ponto, basta observar as páginas de um jornal quando uma Copa do Mundo se aproxima. O caderno esportivo engrossa com mais informações sobre o selecionado para deixar o brasileiro mais próximo dos jogadores (fato necessário se pensarmos que apenas três dos 23 convocados para o último mundial jogavam no Brasil). Com isso, o período da Copa pode ser comparado ao feriado da Independência, pois torcendo pelo Brasil, o torcedor se sente parte de uma nação.

Concluo a relação me apoiando no pensamento da socióloga Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes sobre o desenvolvimento da imprensa esportiva no Brasil. Segundo ela, as crônicas esportivas listavam as atitudes e disposições psicológicas da alma brasileira. Com isso, a imprensa contribuiu para a superação de certos comportamentos do brasileiro, como o racismo ou o “complexo de vira-latas”, por exemplo, para a construção de uma esportividade madura e, conseqüentemente, de uma identidade nacional que associa o brasileiro com o país do futebol.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro, não há quem possa!**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira**: Entre as gingas do corpo brasileiro. p. 55-90. Campinas: Papyrus, 2000.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. p. 21-30. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- KFOURI, Juca. **Bom dia, Alemanha!**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/blogdojuca/colunas.jhtm>>. Acesso em 22 out. 2006.
- KFOURI, Juca. **Lugar para juninho**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/blogdojuca/colunas.jhtm>>. Acesso em 22 out. 2006.
- KFOURI, Juca. **A Croácia não é sopa**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/blogdojuca/colunas.jhtm>>. Acesso em 22 out. 2006.
- KFOURI, Juca. **O avesso da festa**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/blogdojuca/colunas.jhtm>>. Acesso em 22 out. 2006.
- KFOURI, Juca. **Pior só em 1966**. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/blogdojuca/colunas.jhtm>>. Acesso em 22 out. 2006.
- LUCENA, Ricardo; PRONI, Marcelo. **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.
- RODRIGUES, Nelson. O homem fluvial (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O sapo de arubinha**. Os anos de sonho do futebol brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol; seleção e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- WISNIK, José Miguel. **Sem receita**: ensaios e canções. p. 490-493 São Paulo: Publifolha, 2004.